

FACULDADE CATÓLICA DOM ORIONE

CURSO DE PSICOLOGIA

IANY LIMA DE SOUSA

OS IMPACTOS DA COVID-19 NA VIDA DOS IDOSOS

ARAGUAÍNA

2021

IANY LIMA DE SOUSA

OS IMPACTOS DA COVID-19 NA VIDA DOS IDOSOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Dom Orione como requisito parcial à obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Ma. Jordana Carmo de Sousa.

ARAGUAÍNA

2021

IANY LIMA DE SOUSA

OS IMPACTOS DA COVID-19 NA VIDA DOS IDOSOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção de Grau de Bacharel em Psicologia do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione e aprovado em: _____ de _____ de _____.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

Profª. Ma. Jordana Carmo de Sousa
Orientadora

Prof. Dr. Adriano Junio Moreira de Souza
Examinador

Profª. Esp. Nayana Brunio de Aguiar
Examinadora

OS IMPACTOS DA COVID-19 NA VIDA DOS IDOSOS

THE IMPACTS OF COVID-19 ON THE LIFE OF THE ELDERLY

Iany Lima de Sousa¹

Jordana Carmo de Sousa (Or.)²

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar os aspectos que atravessam a vida dos idosos e o que pode causar algumas consequências no período do envelhecimento, sejam elas de cunho psicológico ou orgânico, tais como doenças e transtornos mentais, demonstrando os impactos advindos também de um contexto social em situação de pandemia, causada pelo vírus da COVID-19, que afetou o mundo, levando os idosos a uma condição de grupo de risco. O estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, respeitando a situação de isolamento do país por causa da doença. Percebe-se que há pouca produção teórica e metodológica acerca da temática do envelhecimento no meio científico, embora os fatores que advêm da velhice causam prejuízos na vida dos idosos e que com a pandemia eles aumentaram, ocasionado sofrimento psíquico nos mesmos, sendo um público que necessita de maior visibilidade e cuidados. Assim, este trabalho visa contribuir cientificamente para o campo da saúde, refletindo as questões do envelhecimento típico e atípico, considerando a importância do papel dos profissionais da Psicologia neste processo.

Palavras-chave: Envelhecimento. Idosos. COVID-19. Psicologia.

ABSTRACT

The present work seeks to present the aspects that go through the lives of the elderly and what can cause some consequences in the aging period, whether they are of a psychological or organic nature, such as diseases and mental disorders, demonstrating the impacts also coming from a social context in pandemic situation, caused by the COVID-19 virus, which affected the world, leading the elderly to a condition of risk group. The study was developed through a bibliographic search, respecting the isolation situation of the country because of the disease. It is noticed that there is little theoretical and methodological production about the theme of aging in the scientific community, although the factors that come from old age cause damage in the lives of the elderly and that with the pandemic they increased, causing psychological suffering in them, being a public that needs greater visibility and care. Thus, this work aims to contribute scientifically to the health field, reflecting the issues of typical and atypical aging, considering the importance of the role of psychology professionals in this process.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione.

² Professora na FACDO. Mestra em Psicologia Clínica pela PUC-GO.

Keywords: Aging. Elderly. COVID-19. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 é um acontecimento que afetou os continentes do mundo inteiro, causando adoecimento, mortes, prejuízos físicos e mentais para a população, contudo, dentre o público afetado, os idosos em especial foram apontados como grupo de risco por sua vulnerabilidade diante das consequências do vírus SARSCoV-2, responsável por colocar o mundo em situação de isolamento e colapso na saúde, além de provocar o agravamento de patologias em imunocomprometidos, assim ela apresenta maior ameaça de morte principalmente aos sujeitos com idades acima de 60 anos que naturalmente já enfrentam os desafios da velhice no século XXI.

Com base nisso, visando contribuir teoricamente para os estudos recentes da COVID-19 relacionados à temática do envelhecimento e áreas afins, pretende-se apresentar os aspectos contextuais envolvidos na velhice que afetam a vida dos idosos e que contribuem para o surgimento do sofrimento psíquico e patologias relacionadas, pensando na importância de proporcionar maior visibilidade e cuidados a esse público.

Para atender aos objetivos apresentados, na metodologia foi utilizado o modelo de pesquisa bibliográfica, que de acordo com Lima e Mioto (2007) não pode ser reduzido somente a uma revisão de literatura ou uma revisão bibliográfica, pois todo estudo tem como requisito base a revisão, mas deve-se ter em vista que, o processo de pesquisa aqui utilizado requer uma organização dos procedimentos a serem desenvolvidos durante a investigação, com foco no objeto de pesquisa, não podendo ser um processo aleatório, mas estruturado.

Para tanto, são apresentados pontos fundamentais acerca da psicologia do idoso a fim de elucidar seu surgimento, seus objetivos e como essa área científica se dedica às questões do envelhecimento proporcionando bem-estar ao idoso. Logo, a perspectiva do desenvolvimento humano é apontada por ser fundamental para uma compreensão de todo o ciclo vital inclusive a velhice que tem seu fim com a chegada da morte. Além do mais, os transtornos que acometem os idosos nesse ciclo da vida, a história da COVID-19 que exerce suas influências no meio social, os impactos da pandemia na saúde mental dos idosos que podem provocar o aumento de transtornos principalmente de ansiedade e depressão, e por fim

o papel de profissionais da Psicologia no cuidado à saúde mental dos idosos frente às demandas.

2 A PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO

O interesse da Psicologia por temas relacionados ao envelhecimento é algo recente no meio científico, passando a ser identificado no século XX, como um período marcado por um declínio na evolução do adulto para a velhice (NERI, 2006). Tal noção partiu da Psicologia do desenvolvimento com contribuições de áreas afins, e embora houvessem pesquisadores mobilizados pela temática, o meio social não oferecia circunstâncias e espaço para um estudo sistemático a respeito da idade madura, em vista de que as crenças sociais e culturais exerceram fortes influências sobre as pesquisas, o que dificultou avançar nas explorações sobre o assunto (NERI, 1995).

Eventualmente, conforme a autora afirma, pesquisadores observaram que as convicções comunitárias não estavam de acordo com a realidade observada, por não haver desejo de conhecimento da população sobre esse período conhecido como a velhice, em virtude de valorizarem o ciclo da vida conhecido como fase adulta, desconhecendo o desenvolvimento psicológico neste último período da existência.

Assim o ponto de vista foi verificado como limitado, por não compreender esse declínio marcado também por questões físicas e cognitivas, dessa maneira, mudanças contextuais foram necessárias para que a vida humana em idades superiores que pudessem ser compreendidas de forma mais abrangente, considerando todos os períodos do desenvolvimento, observando-se que o envelhecimento populacional aumentou em nível mundial e passou a ganhar força no meio científico por ser fonte suficiente para a construção de preceitos teóricos (NERI, 2013).

Tendo em vista essas questões, a autora estabelece que o início do séc. XX foi marcado por uma Psicologia que se dedicou ao envelhecimento, tendo por objetivo compreender os padrões causadores de alterações comportamentais no ser humano durante o decorrer de sua vida, entendendo que essas mudanças são resultantes do avanço da idade, mas tendo foco nas diferenças típicas e atípicas que advém do tornar-se idoso, cujas características podem ser distintas com relação às demais idades vivenciadas. Dessa forma, entende-se que a Psicologia do idoso está interligada com a Psicologia do desenvolvimento, mas focalizada nas

questões propriamente das características do envelhecer, enquanto a segunda busca apresentar todas as fases do ciclo vital incluindo a velhice.

Pensando nisso, é importante compreender alguns conceitos base antes de adentrar teoricamente nas concepções acerca do desenvolvimento Humano, assim, entende-se por idosos as pessoas cujas características físicas apresentam diferenças em comparação a adultos, sejam elas relativas a força, aparência, funcionalidade, produção, execução de tarefas (NERY, 2009). Além disso, os idosos assumem posições sociais que levam em consideração a idade, com início entre os 50 e 60 anos e conseqüentemente as mudanças, o gênero e a classe social também são pontos característicos para a conquista de direitos que são marcadores da velhice (NERY, 2013).

A velhice por sua vez, trata-se da “[...] última fase do ciclo vital e um produto da ação concorrente dos processos de desenvolvimento e envelhecimento” (NERY, 2009). Todavia, para a autora, ela é considerada um processo biológico que abrange um declínio estrutural, funcional e organizacional na vida dos sujeitos, cujo fim é a morte, em vista disso, ele tem uma perda gradativa das habilidades adaptativas e de subsistência.

Segundo Palácios (2004) o envelhecer está além da existência de patologias que causam algum adoecimento, por ser um processo em que há a existência de múltiplos elementos que se interligam, dentre eles, o principal fator desse sistema é a faixa etária que os seres humanos podem atingir no ciclo da vida, sendo estimadas idades entre 25 a 30 anos caracterizadas como maturidade, de 25 aos 40 anos denomina-se como um período inicial da vida adulta, posteriormente até os 65 anos o sujeito é considerado adulto médio ou que está na meia idade, de 65 aos 75 anos ele torna-se um adulto tardio, e caso venha a conquistar uma idade superior estará na velhice tardia.

Todavia entendendo que esses períodos da vida fazem parte de todo ciclo do desenvolvimento humano, os quais todo ser tem a possibilidade de vivenciar a depender das circunstâncias que o envolvem, desde comportamentos a questões ligadas à preservação da saúde, é necessário pensar nos aspectos que estão conectados ao tornar-se/ser idoso, a partir disso, o próximo tópico terá por finalidade abordar tal temática apresentando noções importantes para o entendimento desse processo evolutivo.

3 A PERSPETIVA ACERCA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Anteriormente ao início do séc. XX, foi difícil definir teoricamente o desenvolvimento humano no meio científico, em razão de haver duas contradições pertinentes ao seu estudo, de um lado, as ciências naturais se utilizavam de hipóteses para investigar a evolução da vida, defendendo este processo como algo que acontecia de forma real e espontânea no curso do tempo, por outro lado, os filósofos julgavam essa articulação como uma fantasia, logo a presença desse impasse entre as visões prejudicava o avanço das pesquisas, por não seguir uma linha de parâmetros definida (SIFUENTES, DESSEN, OLIVEIRA, 2007).

Como consequência disso, a dimensão abrangente e complexa, assim como a estruturação científica do desenvolvimento humano tomou rumos diversos através de correntes teóricas postuladas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, as quais foram alicerce para a criação de princípios teóricos que hoje contribuem para o sentido do ciclo da vida (ASPESI, DESSEN, CHAGAS, 2005).

Por essa razão, o desenvolvimento humano é um campo de conhecimento composto por perspectivas com enfoque social, psicológico, biocomportamental, marcado por processos de mudança que perpassam continuamente a vida do sujeito em seus aspectos ontológicos, genéticos, fisiológicos e interativos, considerando que são manifestações internas e externas que atravessam sua transformação em relação ao tempo, espaço, a cultura e o meio social. (DESEN, GUEDES, 2005).

Com efeito, a Psicologia do desenvolvimento humano, no contexto científico tem por objetivo investigar, retratar, esclarecer “[...] os padrões comportamentais de estabilidade e mudança, expressos pelo indivíduo durante o seu curso de vida, a partir da adoção de paradigmas metodológicos inspirados no positivismo e nas ciências naturais” (HINDE, 1992 *apud* ASPESI, DESSEN, CHAGAS, 2005, p. 20).

Assim, a partir desses autores foi possível estabelecer os preceitos normativos que causavam alterações no decorrer da vida, pensando o desenvolvimento a partir de fenômenos que atravessam as esferas biológicas, psíquicas, sociais, afetivas, cognitivas que envolvem o sujeito em seu contexto social, considerando primordialmente a presença de conteúdos subjetivos que fazem parte de sua construção, por essa razão os fenômenos que o envolvem devem ser vistos como um todo, em todas as esferas que se entrelaçam.

Com base no exposto, Diane E. Papalia e Feldman (2013) apresentam em sua perspectiva acerca do desenvolvimento do ciclo da vida, que esse processo está em constante mudança e transformação no decorrer da existência, considerando que é um segmento onde os

aspectos pessoais se modificam desde o momento em que uma célula passa a possuir características de um ser vivo, até alcançar a maturidade.

Pensando neste último período da existência humana, Schneider e Irigaray (2008) expressam que para pensar essa etapa da vida é necessário observar a relação existente entre o sujeito e o meio em que ele está inserido, em virtude de ser constituído por aspectos culturais e cronológicos, por nascer, desenvolver-se e morrer, e também os aspectos biopsicossociais são fundamentais, pois as circunstâncias contextuais, sejam elas de caráter político, histórico, econômico e geográfico causam diferentes modos de ver, refletir e agir sobre a velhice enquanto fenômeno social. Em complemento, Erikson declara em sua perspectiva psicossocial que os seres humanos são considerados como sociais, por haver uma convivência constante em grupo que o pressiona e motiva (RABELLO, PASSOS, 2008).

A velhice muitas vezes foi vista por estudiosos, por exemplo Skinner, como uma etapa em que o crescimento não é mais algo possível, mas tornar-se idoso pode envolver questões positivas, tais como ser um momento em que estes podem refletir sobre suas escolhas, dedicar-se ao que não conseguiram concluir anteriormente e direcionar suas ações ao modo como querem vivenciar suas atividades atuais, pois muitos apresentam o sentimento de que estão saudáveis, além de dispor de autonomia sobre seus comportamentos e ações (PAPALIA, FELDMAN, 2013).

Posto isso, vale evidenciar que profissionais de diversos ramos se utilizam da Psicologia do desenvolvimento como embasamento para desenvolver suas atuações com o objetivo de promover e prevenir o desenvolvimento de uma vida saudável para a população nos diversos campos de trabalho, seja escolar, trabalhista, familiar, podendo identificar os fenômenos que prejudicam o ciclo da vida humana e pensar em modos de intervenção adequados que objetivem uma evolução saudável dos indivíduos (MOTA, 2005).

Mediante o exposto, assim como os idosos têm a possibilidade de alcançar o período do envelhecimento de forma saudável, é importante compreender que no curso de seu desenvolvimento eles poderão também ser acometidos por problemáticas que estão além das doenças físicas, que se tratam de patologias que afetam o psiquismo humano muitas vezes identificadas como um transtorno mental.

4 TRANSTORNOS MENTAIS RELACIONADOS AO IDOSO

No Brasil, embora tenham diversas problemáticas sociais que causam danos a vida do ser humano, tais como a desigualdade, situações ligadas a pobreza, vulnerabilidade, que afetam o cotidiano da população, ainda assim há um aumento expressivo de idosos em nosso país (VERAS, 2009), sendo que no ano de 2010 esse crescimento quantitativo foi constatado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em um percentual de 7,4% de idosos com idades acima de 80 anos. Porém, com essa ampliação, as patologias crônicas também aumentaram trazendo limitações às atividades desempenhadas pelo corpo, ao organismo, prejuízos cognitivos, sensoriais com riscos de acidentes, além de comportamentos tendenciosos ao isolamento (BORIN, BARROS, BOTEGA, 2013).

Além desses aspectos advindos da velhice, a saúde mental também é levada em consideração, porque esses prejuízos físicos trazem também complicações psíquicas, tais como demência, depressão, transtornos de ansiedade, podendo surgir doenças psicossomáticas, como irritação, fadiga, falta de sono, foco, dificuldades com memorização e ansiedade (CLEMENTE, LOYOLA FILHO, FIRMO, 2011).

A demência, assim como a visão e a audição podem representar sinais de perda no desenvolvimento do idoso, abrangendo carências nas esferas sociais, ocupacionais, cognitivas, em tarefas cotidianas, cujas consequências podem afetar a independência do sujeito por ser uma síndrome que afeta os processos de memorização, inicialmente com sintomas leves de amnésia, exercendo influências sobre a memória de trabalho e de curta duração (ZANINI, 2010). A demência possui em torno de quatro causas frequentemente mais identificadas durante o diagnóstico, sendo o Alzheimer, a demência vascular, demência com corpos de Lewy e a demência frontotemporal (CARAMELLI, BARBOSA, 2002).

A depressão por sua vez é caracterizada como um transtorno de humor grave e um dos fatores que mais acomete os idosos no Brasil, em razão da própria impressão construída por eles relacionada a esse ciclo da vida, que conseqüentemente suscita prejuízos físicos, cognitivos, econômicos, além de sentimentos negativos relacionados a perda de pessoas do meio em que vivem, o que pode se manifestar em forma de sofrimento psíquico (IZQUIERDO, 2002; LAFER, 2002).

É importante pensar a partir de Freud (1915), que o luto é uma vivência natural no desenvolvimento humano mesmo que seja um processo doloroso, sendo uma condição em que o sujeito reage diante da perda de seu objeto de amor ou a ausência de algum elemento

que preenche esse espaço, devendo elaborar posteriormente esse sofrimento que acontece de forma consciente e que tem duração indeterminada³.

A ansiedade está relacionada à sensação de medo e angústia, geralmente identificada como um incômodo proveniente de novas situações, desconhecidas, como um sentimento inconsciente de risco (CASTILLO et al, 2000). Para os autores, essa ansiedade pode ser considerada patológica quando esses aspectos são excessivos no tocante ao estímulo ansiogênico e assim passam a interferir nas vivências e no bem estar emocional do sujeito, contudo, a diferença está na durabilidade, ou seja, quando se tratar de uma resposta ansiosa natural sua permanência será curta diante do fenômeno presente ou não.

Ainda nesse campo de problemáticas advindas do envelhecer, as doenças psicossomáticas devem ser mencionadas, pois o corpo humano dispõe de uma capacidade natural de projetar através de processos mentais a realidade (SAMI, 1974). Com base nisso, Barros (2002) reconhece que o psíquico está conectado com o organismo e seu adocimento, mesmo que ele não seja a fonte da causa de tal. Em complemento, Spinelli (2010) afirma que as doenças físicas são influenciadas pela mente, pois o emocional interfere as ações do corpo como manifestação somática e psicológica, onde mesmo que a pessoa queira mascarar que não está bem, o corpo vai contradizer através de enfermidades, desconfortos, como por exemplo, com enxaquecas, gastrites e inflamações na garganta.

Sabe-se que o envelhecimento é um acontecimento natural, global, inevitável, porém cada ser humano vai vivenciar esse processo de formas diferentes, a depender das condições externas e internas sendo que os comportamentos e a personalidade serão fatores que influenciarão o modo como cada sujeito lida com essas mudanças (AGOSTINHO, 2004). Em vista disso, posteriormente esses fenômenos psíquicos serão apresentados relacionados a COVID-19, pois as implicações desse evento causam consequências na saúde física e mental dos idosos.

5 HISTÓRIA DA COVID-19

³ Com base no exposto, percebe-se que o sujeito na condição de idoso não atravessa somente momentos de luto pela morte de pessoas próximas, mas também sofre com a redução das funções de seu próprio corpo, sendo mais um período de luto vivenciado.

No início do ano de 2020, o Brasil foi surpreendido por um surto misterioso, manifesto através de uma pneumonia decorrente de uma variação de um vírus, cujo primeiro caso foi confirmado no país através do Ministério da Saúde, mais precisamente em São Paulo, verificado em um homem de 61 anos de idade, infectado durante uma viagem para a Itália, que retornou ao Brasil em 21 de fevereiro de 2020 tendo contato com 30 pessoas de seu círculo familiar (BRASIL, 2020).

Foi constatado que esse vírus surgiu no mês de dezembro do ano de 2019, em Wuhan, Província de Hubei, na China, a partir disso, o número de casos teve um aumento significativo nos continentes, e em janeiro do presente ano a situação foi classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “[...] *emergência de saúde pública de importância internacional (ESPII)*” (RISI et al, 2020, p.2), por afetar a saúde pública em uma abrangência de mundo (OLIVEIRA, LUCAS, IQUIAPAZA, 2020).

Os autores afirmam que anteriormente o vírus já havia se manifestado no ano de 1937, mas foi isolado e em 1965 ficou nomeado como coronavírus, por sua característica fisiológica ser análoga a uma coroa. De acordo com estudos, constatou-se que o vírus sofreu mutações, podendo ser classificado como “[...] alfa coronavírus HCoV-229E e alfa coronavírus HCoV-NL63, beta coronavírus HCoV-OC43 e beta coronavírus HCoV-HKU1, SARS-CoV (causador da síndrome respiratória aguda grave ou SARS), MERS-CoV (causador da síndrome respiratória do Oriente Médio ou MERS) e SARSCoV-2 [...]” (LIMA, 2020, p. V) cujo é a fonte da doença COVID-19 que foi decretada pela OMS como pandemia em 11 de março de 2020.

No final de 2020 e início do ano de 2021, ainda neste cenário de luta contra as consequências da COVID-19, foram identificadas mais três mutações do vírus verificadas no Reino Unido, na África do Sul e no Brasil, no estado do Amazonas, as quais foram apontadas com uma carga viral bem mais transmissível e letal para a saúde humana (FREITAS et al, 2021).

Por meio dessas variações, o vírus causou várias mortes em todo o mundo, infectando sujeitos de diferentes faixa etárias, desde crianças a idosos, tendo a possibilidade de um diagnóstico assintomático, mas positivo para a presença da doença no corpo, podendo causar de modo grave doenças respiratórias, principalmente em sujeitos que estão no período de envelhecimento e afetando outros cujos mecanismos de defesa do organismo já estavam

comprometidos por alguma doença (OLIVEIRA, LUCAS, IQUIAPAZA, 2020; WERNECK, CARVALHO, 2020).

Todavia, embora a transmissão do vírus possa ser reduzida em lugares de temperaturas elevadas e úmidas, os fatores de risco da doença estão relacionados a pessoas contaminadas cuja faixa de idade está em torno de 49 a 56 anos e essa magnitude pode intensificar-se em ciclos posteriores a 60 anos, caso venham a ocorrer sintomas graves, estes podem estar associados a presença de comorbidades que o paciente disponha, tais como problemas cardiovasculares, principalmente a hipertensão, diabetes melito, e patologias pulmonares, já as crianças podem apresentar sintomas, mas geralmente são verificadas como assintomáticas (CESPEDES, SOUZA, 2020).

Eventualmente, medidas de contingência foram adotadas como forma preventiva e evitativa das possíveis consequências da doença, em razão de sua rápida propagação por meio do vírus que pode ser contraído através do contato físico com gotículas, mãos, olhos, nariz, boca, superfícies infectadas, de um ser humano a outro (OLIVEIRA, LUCAS, IQUIAPAZA, 2020). Paralelamente, para evitar maior abrangência do vírus e suas consequências, foi necessária a disponibilização de testes para a realização de diagnóstico em grupos de pessoas afetadas, assim, as unidades de saúde dispuseram de testes laboratoriais, mas cuja utilização só é válida para uso em determinado período da doença, de modo que a análise dos indícios e manifestações sintomatológicas tenham indicadores positivos para a doença no curso dos exames diagnósticos (ISER et al 2020).

Os sintomas por sua vez, podem ser apresentados através de sinais de um resfriado comum, com a presença de febre, fadiga, tosse, dores musculares, escarro, assim o vírus se manifesta em torno de 2 a 14 dias de incubação, mas com oito dias a pessoa pode queixar-se da síndrome do desconforto respiratório agudo - SDRA, o que gera no organismo uma diminuição das funções de alguns órgãos do corpo e prejuízos aos pulmões, rins, coração, além disso,

Pode haver anosmia (sintoma inicial), ageusia (sintoma pré-hospitalização em 91% dos pacientes), náuseas, cefaléia, êmese, dor abdominal, diarreia, odinofagia e rinorreia. Casos graves (15%) podem apresentar dor torácica, cianose, dispnéia, taquipnéia, sinais de esforço respiratório, hipotensão, descompensação das doenças de base e linfopenia devem ser conduzidos em leito de internação hospitalar (CESPEDES, SOUZA, 2020, p. 7).

A fim de estabelecer a identificação da COVID-19 é necessário verificar as pautas epidemiológicas logo no começo da presença de sintomas, realizar o teste RT-PCR através da coleta swab nasal/orofaringe, que trata-se de um procedimento referência nessa etapa diagnóstica, mas não garante confiabilidade total, podendo ser repetido ou caso seja necessário considera-se realizar a sorologia no período da segunda semana de indícios da doença, no entanto, se os resultados são identificados como positivos é produzida uma tomografia computadorizada, que deve ser um método conduzido com cuidado para concluir o objetivo diagnóstico (DIAS et al, 2020).

Os autores afirmam que não há um método de tratamento medicamentoso definido e eficaz, embora estejam sendo utilizadas como alternativa a cloroquina, hidroxicloroquina combinadas com a azitromicina, elas devem ser ingeridas com cuidados, pois como efeito colateral de seus mecanismos de ação o paciente poderá desenvolver problemas cardiovasculares, devendo o profissional propor ao sujeito a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido antes do início do tratamento.

Diante da gravidade da doença, estudos foram traçados em diversos países na busca de uma fórmula eficaz para a composição de vacinas, a fim de minimizar os impactos do coronavírus, em vista disso, no Brasil a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) atuou em parceria com a Universidade de Oxford do Reino Unido gerando a vacina AstraZeneca que foi aprovada para uso no Brasil pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), (BRASIL, 2020). No país, há também a vacina CoronaVac produzida pelo Instituto Butantan em parceria com a fábrica chinesa Sinovac Biotech (BRASIL, 2021) e a vacina constituída pela Pfizer, uma empresa norte-americana com a participação da BioNTech localizada na Alemanha (ROCHA, 2021). Essas vacinas são administradas em duas doses e seguem uma ordem prioritária de vacinação, considerando os riscos.

Vale ressaltar que os conhecimentos científicos acerca da COVID-19 ainda são recentes e insuficientes para proporcionar confiança em relação a tomada de decisões interventivas, principalmente no Brasil, um país que enfrenta obstáculos, “[...] num contexto de grande desigualdade social, com populações vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação de aglomeração” (WERNECK, CARVALHO, 2020).

6 O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DOS IDOSOS

Observando-se acontecimentos anteriores envolvendo doenças infecciosas (HIV, Ebola, Zika, H1N1) percebe-se que o bem-estar mental é mais abalado do que o número de sujeitos propriamente afetados pela patologia, cujo impacto pode prevalecer com maior duração do que a doença, além de suas consequências psicossociais e econômicas a depender das circunstâncias contextuais envolvidas (ORNELL et al, 2020). No entanto, os autores afirmam que, para compreender a abrangência psicológica e psiquiátrica no contexto de pandemia, é necessário considerar as sensações envolvidas, tais como medo e raiva, pois o primeiro trata-se de um mecanismo de defesa do ser humano, que serve como preservação de sua existência, mas quando é exagerado, o grau de estresse e ansiedade podem ser motivadores para o surgimento de transtornos psiquiátricos.

Dentre as respostas emocionais dos pacientes contaminados que devem cumprir o isolamento social ou a quarentena, pode-se identificar estresse, principalmente em crianças e idosos, estresse pós-traumático, ações de isolamento, maior sentimento de irritação, insônia, solidão, medo, ansiedade, sendo traços que contribuem para o surgimento de transtornos mentais, bem como as implicações de transtornos de humor depressivos e ansiosos (NABUCO, OLIVEIRA, AFONSO, 2020).

O estresse anteriormente apontado está relacionado ao estado emocional causado por agentes estressores presentes no ambiente que aumentam a produção de adrenalina gerando no organismo manifestações sistêmicas (MARGIS et al, 2003). E quando ligado a situações pós-traumáticas significa que o sujeito se sentiu exposto a um evento com ameaças, possibilidade de morte, cuja situação produziu a sensação de impotência, gerando sentimento de medo, ausência de proteção, sobretudo, como reação ao evento traumático, podem surgir três fenômenos, a tentativa de nova experiência do mesmo evento, a fuga de elementos que relembrem a situação e a existência constante de sinais de hiperestimulação autonômica (FIGUEIRA, MENDLOWICZ, 2003).

Os seres humanos tiveram que elaborar, processar coisas que não faziam parte do cotidiano, tipo trabalho, e as atividades de lazer, o isolamento, direitos que modificaram nosso estilo de vida.

A solidão no cenário de pandemia da COVID-19, não se refere ao fato de o sujeito estar propriamente sozinho, mas trata-se de uma sensação interna que causa angústia, sentimento de falta de apoio, principalmente afetivo com a percepção de não pertencimento e desânimo em manter relações com as pessoas de seu círculo de convívio (AZEVEDO,

AFONSO, 2016). Os autores ainda expressam que esse sentimento de solidão relacionado aos idosos podem vir manifestados através de desconfortos psicossomáticos, agressividade ou sintomas depressivos, tentativa de suicídio e por meio de ações não bem vistas socialmente.

Além disso, o luto é um fator que perpassa a vivência da população nesse cenário de pandemia e que causa sofrimento psíquico, em virtude de não ser mais viável a realização habitual de cerimônias de despedida, através de velório, os pacientes são isolados em hospitais e a família não tem a oportunidade de acompanhar o processo de adoecimento presencialmente, além de não poder se despedir com um abraço ou de receber um acolhimento, o que pode colaborar para ressentimentos, solidão, falta de significados na vida, além da ausência de consentimento desse processo da morte (AFONSO, 2020).

7 O PAPEL DO PSICÓLOGO NO TRATAMENTO DOS TRANSTORNOS MENTAIS PROVOCADOS PELA SITUAÇÃO DE COVID 19

Como visto anteriormente, as consequências da velhice dependem de muitos aspectos da vida do idoso, tais como seus comportamentos e hábitos, sendo algo subjetivo, além de causar diferentes concepções sobre a temática considerando os pontos negativos, mas também positivos do processo.

Diante dos desafios advindos da velhice, os profissionais da Psicologia no exercício de suas funções, devem primordialmente ofertar apoio, acolhimento e escuta psicológica visando compreender os aspectos causadores de sofrimento psíquico que formam o conjunto de demandas que fragilizam os idosos diariamente, sendo que é fundamental demonstrar interesse nas questões que serão apresentadas, pois é algo necessário para o estabelecimento de confiança com o sujeito (MORAIS, 2009).

Neste sentido, Ribeiro (2008) defende o valor de uma conversa, seja por meio de um profissional da psicologia, que exercerá um papel mais técnico diante das demandas dos idosos, além de estar focado no que ele apresenta durante os relatos, extraindo pontos significativos para o atendimento psicológico, ou um membro da família, um cuidador, que durante o tempo dedicado ao diálogo com o idoso já estarão contribuindo de forma positiva para as vivências do mesmo, proporcionando sentimento de importância.

Além disso, o psicólogo (a) deve estar atento a consciência de que o idoso tem acerca de seu envelhecimento como algo que vai indicar como ele poderá lidar com o processo, e

como se comporta diante das mudanças funcionais ou disfuncionais frente às tarefas que realiza cotidianamente, pois o sujeito tendo uma percepção positiva de seus limites e necessidades na velhice, poderá administrar sua realidade com base nos princípios que acredita (MORAIS, 2009).

Portanto, direcionar o idoso para uma compreensão acerca desses aspectos, do surgimento de doenças, as mudanças físicas, ajuda na autoestima e nas crises que surgem na velhice, minimizando o sofrimento e aumentando as possibilidades que o idoso tem de enfrentar as problemáticas alicerçado em seus recursos internos e externos, logo o psicólogo (a) deverá atuar em conjunto com o sujeito na busca pelos mecanismos que o auxiliarão e proporcionarão saúde mental (STUART-HAMILTON, VERISSIMO, TIELLET, 2002).

Além do mais, o cenário de pandemia pode gerar uma fragilidade emocional, devido a situação de isolamento ou em casos de hospitalização que acontecem em estágios mais críticos da doença, fazendo com que o idoso esteja dependente, sendo necessário que esses profissionais atuem na promoção de saúde mental, no fortalecimento e aperfeiçoamento da autonomia do sujeito, além de aspectos emocionais afetados com o surgimento de incapacidades físicas da velhice e da doença.

8 METODOLOGIA

Para construção do presente trabalho, foi realizada inicialmente a construção de um projeto de pesquisa, o qual foi base para uma estruturação e delimitação da temática central, voltada para a vida do idoso em situação de pandemia. No pré-projeto, foram traçados os objetivos, a justificativa, e selecionados os textos para a construção de um referencial teórico embasado em artigos científicos e livros encontrados nas plataformas Google acadêmico, Google, Scielo e Pepsic, através de termos ligados a COVID-19, os idosos, a psicologia, que dariam base para alcance dos objetivos propostos e estruturação do estudo, sendo descartado qualquer material encontrado cujo conteúdo não estava relacionado com a temática e sem coerência com a abordagem psicanalítica, considerando também os que não estavam em língua portuguesa.

Em razão da situação de pandemia e isolamento social, foram utilizados somente textos selecionados da internet para este estudo bibliográfico, em virtude da impossibilidade de acesso a locais com biblioteca de forma presencial e visando maior segurança. Em

consequência, foram encontrados poucos materiais disponíveis na web, além de ser um assunto recente no meio científico e social.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, entendemos que os idosos enfrentam diariamente os desafios de viver a velhice por enfrentarem questões ligadas às perdas físicas e cognitivas que são naturais do processo de desenvolvimento. Contudo, eles são afetados além, na forma que são tratados, onde são por direito considerados de modo preferencial durante atendimentos nos diversos contextos sociais, mas quando se trata de uma condição de trabalho, eles são última opção, por suas limitações advindas da idade, do ser idoso, o que é apenas um exemplo de situações motivadoras para o isolamento.

Os idosos no contexto atual, são vistos socialmente como pessoas que não possuem mais o mesmo rendimento durante as atividades e a falta de oportunidades contribui para o isolamento, a solidão, assim como a falta de companhia, seja na moradia ou para momentos de lazer, o que pode gerar sentimentos depressivos, ansiosos ou até mesmo vir a ser um transtorno que prejudicará a qualidade de vida deles.

Entretanto, mesmo com a presença de aspectos de caráter negativo, existem sujeitos nesse ciclo da vida que percebem a velhice como algo positivo, dotados de autonomia para desenvolver novas atividades, com muitos objetivos de vida alcançados e mesmo assim tendo a chance de dedicar esse tempo da existência para projetos não concluídos ou até mesmo criar novas metas, buscar atividades que visam mais o lazer, individual ou familiar.

Por outro lado, entende-se que apesar dos problemas de saúde existentes na vida do idoso, ele pode sim ser autônomo e decidir por si, sem ser visto como alguém que regride a infância, que é rebelde, por querer viver ou reviver práticas, considerando que os familiares têm uma tendência de tratá-los com tais características, tendo no consciente que estar velho é sinônimo de sossego, não ser disposto, muitas vezes pela falta de compreensão de que nesse idoso há potencialidades e experiências que podem ser compartilhadas através de trocas durante momentos de diálogo e interação, sendo que mesmo na velhice ele deve ser autônomo para decidirem por si estando lúcido e orientado.

Além disso, os profissionais que atuam frente a contextos de adoecimento devem motivar esses pacientes a viver a vida sob novas perspectivas e possibilidades, fortalecendo os

vínculos familiares, trabalhando em conjunto com os membros em questões ligadas à forma como são tratados, a fim de que através dessa parceria sejam proporcionadas saúde e bem estar aos idosos assim como escuta, acolhimento, inclusive para aqueles que apresentam limitações, sendo que a família dispõe de um papel fundamental pelos laços e vínculos necessários que todo ser humano precisa.

Paralelamente, estimular o idoso a conversar pode ajudar nas suas expressões, dando assistência para aqueles que se apresentam em uma condição de adoecimento depressivo, com uma ansiedade patológica, solidão, sendo que no contexto de pandemia eles foram mais prejudicados, tendo que mudar a rotina, hábitos, o estilo de vida e a forma de lidar com processos de morte, luto, onde a doença do COVID-19 impossibilitou a humanidade de atravessar o processo de despedida vivenciado pelo sujeito enlutado.

Percebe-se que os estudos desenvolvidos sobre o envelhecimento são muito recentes, necessitando de maior atenção, de modo a contribuir para a promoção de saúde mental em um período em que as incertezas são muito presentes, além de sentimentos de solidão, mas até mesmo para dar maior visibilidade a esse ciclo da vida que a população está sujeita a viver.

REFERÊNCIAS

ASPESI, Cristina Campos; DESSEN, Maria Auxiliadora; CHAGAS, Jane Farias. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA Jr., Anderson Luiz (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 19-36.

AFONSO, Pedro. O impacto da pandemia COVID-19 na saúde mental. **Act Med Port**, v. 33, n. 5, 2020. Disponível em:

<<https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/download/13877/5925>>. Acesso em: 10 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20344/amp.13877>

AGOSTINHO, Paula. Perspectiva psicossomática do envelhecimento. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, v. 6, n. 1, p. 31-36, 2004. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/287/28760104.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2021.

AZEVEDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. Solidão na perspectiva do idoso. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 313-324, Apr. 2016.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000200313&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150085>.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010 características da população e dos domicílios**. Resultados do universo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O primeiro caso de Covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro**. 2020.

BRASIL. Fiocruz. **Vacinas contra a Covid-19**. 2020.

BRASIL. Instituto Butantan. **A parceria tecnológica que fez da CoronaVac a vacina do Brasil**. 2021.

BARROS, José Augusto Cabral de. Pensando o processo saúde doença: A que responde o modelo biomédico? **Saúde e sociedade**, Pernambuco, v. 11, n. 1, p. 67-84, 2002. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/sausoc/2002.v11n1/67-84/>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BORIM, Flávia Silva Arbex; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo; BOTEAGA, Neury José. Transtorno mental comum na população idosa: pesquisa de base populacional no Município de Campinas, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, p. 1415-1426, 2013. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csp/2013.v29n7/1415-1426/>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

CARAMELLI, Paulo; BARBOSA, Maira Tonidandel. Como diagnosticar as quatro causas mais frequentes de demência? **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 24, supl. 1, p. 7-10, Apr. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000500003&lng=en>

n&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462002000500003>.

CASTILLO, Ana Regina GL et al. Transtornos de ansiedade. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 22, supl. 2, p. 20-23, Dez. 2000. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006>.

CESPEDES, Mateus da Silveira; SOUZA, José Carlos. SARS-CoV-2: uma revisão para o clínico. **SciELO**, São Paulo, p. 1-17, abr. 2020. Disponível em:
 <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/26>>. Acesso em: 05 nov. 2020.
<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.26>

CLEMENTE, Aduino Silva; LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo. Concepções sobre transtornos mentais e seu tratamento entre idosos atendidos em um serviço público de saúde mental. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 555-564, Mar. 2011. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000300015>.

DESSEN, Maria Auxiliadora; GUEDES, Miriam Teresa Domingues. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, p. 11-20, Abr. 2005. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100004>

DIAS, Viviane Maria Carvalho Hessel et al. Orientações sobre diagnóstico, tratamento e isolamento de pacientes com COVID-19. **Journal Infection Control**, v. 9, n. 2, p. 56-75, 2020. Disponível em:
 <<https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/07/orientacoes-sobre-diagnostico-tratamento-e-isolamento-de-pacientes-com-covid-19.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

FREITAS, André Ricardo Ribas et al. A emergência da nova variante P. 1 do SARS-CoV-2 no Amazonas (Brasil) foi temporalmente associada a uma mudança no perfil da mortalidade devido a COVID-19, segundo sexo e idade. **SciELO preprints**, 2021. Disponível em:
 <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2030>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FIGUEIRA, Ivan; MENDLOWICZ, Mauro. Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 25, supl. 1, p. 12-16, Jun. 2003. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000500004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000500004>.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. **A história do Movimento Psicanalítico, artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos** (1914- 1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

ISER, Betine Pinto Moehlecke et al. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 3, e2020233, jun. 2020. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000300035&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2020. Epub 18-Jun-2020. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000300018>.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LAFER, Beny et al. Depressão no ciclo da vida. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22, n. 3, p. 149-52, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Nardi/publication/26373093_Depressao_no_Ciclo_da_Vida/links/568d0ab908aec2fdf6f59119/Depressao-no-Ciclo-da-Vida.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

LIMA, Cláudio Márcio Amaral de Oliveira. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). **Radiol Bras**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. V-VI, Abr. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-39842020000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Nov. 2020. Epub Apr 17, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

MARGIS, Regina et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v. 25, supl. 1, p. 65-74, Abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400008>.

MOTA, Márcia Elia da. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 105-111, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 nov. 2020.

MORAIS, Olga Nazaré Pantoja de. Grupos de idosos: atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 846-855, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000400014>.

NABUCO, Guilherme; PIRES DE OLIVEIRA, Maria Helena Pires; AFONSO, Marcelo Pellizzaro Dias. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio

de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2532, 2020. DOI: 10.5712/rbmfc15(42)2532. Disponível em: <<https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. In: _____. **Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida**. Campinas: Papirus, 1995, p. 276-276.

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2020.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2009.

NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, Leandro F.; FUENTES, Daniel FMUSP-HC; COSENZA, Ramon M. **Neuropsicologia do Envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional**. Porto Alegre: ARTMED, 2013, p. 17-42.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; LUCAS, Thabata Coaglio; IQUIAPAZA, Robert Aldo. O QUE A PANDEMIA DA COVID-19 TEM NOS ENSINADO SOBRE ADOÇÃO DE MEDIDAS DE PRECAUÇÃO?. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 29, maio 08, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072020000100201&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2020.

ORNELL, FELIPE et al. Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista debates in psychiatry**, 2020. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/pandemia-de-medo-e-covid-19-impacto-na-saude-mental-e-possiveis-estrategias>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PALÁCIOS, Jesús. Mudança e Desenvolvimento Durante a Idade Adulta e a Velhice. In: COLL, César; PALÁCIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento Psicológico e Educação Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, v. 1, 2 ed., 2004.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Artmed editora, 12 ed., 2013.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. **Consultado em**, v. 16, p. 08-13, 2008. Disponível em: <<https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Erikson-e-a-teoria-psicossocial-do-desenvolvimento.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

RIBEIRO, Euler Esteves. **Envelhescência: Envelhecer bem e com qualidade**. Rio de Janeiro: UnATI / UERJ, 2008.

RISI, Lisandra Rodrigues et al. Desenvolvimento de máscaras de tecido e celulose para resposta emergencial à pandemia provocada pelo SARS-CoV-2. **Revista Enfermagem**

UERJ, S.1, v. 28, p. e51476, ago. 2020. ISSN 0104-3552. Disponível em:
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/51476/35062>>.
Acesso em: 04 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2020.51476>.

ROCHA, Lucas. O que você precisa saber sobre a vacina da Pfizer. **CNN Brasil**, São Paulo, 29 abr. 2021. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/29/o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-vacina-da-pfizer>>. Acesso em: 05 maio 2021.

SAMI, Ali. **L'Espace Imaginaire**. Editions Gallimard, Paris, 1974.

Spinelli, Maria Rosa. **Introdução à psicossomática**. São Paulo: Editora: Atheneu, 2010.

STUART-HAMILTON, Ian; VERÍSSIMO, Veronese, Maria Adriana; TIELLET, Nunes, Maria Lucia Tiellet. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

SIFUENTES, Thirza Reis; DESSEN, Maria Auxiliadora; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 379-385, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000400003>.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 548-554, jun. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000300020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 nov. 2020. Epub Apr 17, 2009.
<https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000300020>

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 5, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v36n5/1678-4464-csp-36-05-e00068820.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2020.

ZANINI, Rachel Schlindwein. Demência no idoso. **Revista Neurociências**, v. 18, n. 2, p. 220-226, 30 jun. 2010. Disponível em:
<<https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8482>>. Acesso em: 10 nov. 2020. <https://doi.org/10.34024/rnc.2010.v18.8482>